

POWERED BY:



NÚMERO 1

DEZEMBRO

Caderno publicado como suplemento do Jornal Económico nº. 2070, de 4 de dezembro de 2020. Não pode ser vendido separadamente.

Diretor Filipe Alves
Diretor Adjunto Shrikesh Laxmidas
Subdiretor Leonardo Ralha
Diretor de Arte Mário Malhão



UNIVERSIDADES

www.jornaleconomico.pt

Boletim de informação académica

AGENDA ECOLÓGICO-AMBIENTAL

UTAD quer dar o exemplo com Campus Carbono Zero em 2030

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro tem em execução um plano estratégico que aposta na eficiência energética, construção de uma ecovia e erradicação do plástico, entre outras medidas, que a tornam um exemplo de sustentabilidade.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro quer virar a página da próxima década como “Campus Carbono Zero”. A meta é ambiciosa, o relógio continua a contar, mas António Fontainhas Fernandes, o reitor, está determinado. “Em cada atividade e em cada medida que tomamos estamos a diminuir a pegada ecológica”, diz-nos.

A bússola pela qual se norteia a decisão é o Plano Estratégico, que tem como lema “Uma Eco Universidade para o Futuro” e está articulado com os objetivos do desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 da ONU. O plano, organizado numa agenda ambiental, começou a ser posto em marcha vai para oito anos e permitiu, já, a certificação internacional do campus. Nasceu, assim, o primeiro ecocampus em Portugal. A revolução ecológico-ambiental da UTAD assenta em três projetos estruturantes: Transição Energética, Economia Circular e Mobilidade e Acessibilidades.

No âmbito da transição energética, segundo o reitor, toda a intervenção realizada “vai traduzir-se na diminuição de 50% consumo de energia bruta e de uma poupança na fatura superior a 25%”. O projeto permitirá também reduzir 70% das emissões de gases com efeito de estufa. Para atingir este resultado foi implementado um projeto que se traduziu na remoção de 35 mil m² de amianto, requalificação dos sistemas de climatização substituindo o gás natural por



biomassa, instalação de 900 painéis fotovoltaicos e substituição dos sistemas de iluminação convencionais por tecnologia LED, num total de 12 mil lâmpadas. O financiamento de três milhões de euros chegou do programa operacional POSEUR.

A estratégia de transformação da UTAD em “Campus Carbono Zero” inclui grandes transformações na área da mobilidade. Neste momento, está em construção uma ciclovie de 7 km, que liga o centro histórico da cidade e o campus em articulação com a autarquia e ao abrigo do Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano, adianta Fontainhas Fernandes.

Além disso, estão também a ser requalificados 10 Km de passeios e sete praças, que privilegiam os espaços verdes e evitam a circulação automóvel, devolvendo os espaços às pessoas. O Santander Universities apoia o projeto, tendo financiado “os Trilhos Santander”.

Ao nível da gestão da água, o objetivo era diminuir as perdas e os custos, privilegiando o uso de sensores, o que foi obtido com a realização de um conjunto de intervenções. Um plano de gestão de resíduos envolvendo a recolha seletiva levou à instalação de equipamentos para separação do lixo em todas as escolas e espaços exterior

res do campus. “O exemplo está em diminuirmos a utilização do plástico”, salienta Fontainhas Fernandes. Aqui, a estratégia passa pela diminuição de tudo o que não é reutilizável. O desincentivo do papel é outra medida ao abrigo da estratégia de modernização, visando a desmaterialização de processos e inibir a cópia em papel.

“Acredito que se educa e muda pelo exemplo e o exemplo deve ser dado em primeiro lugar pela Universidade”, afirma António Fontainhas Fernandes. Definitivamente, a UTAD está a escrever o futuro na cidade de Vila Real, no nordeste de Portugal. ■

ÍNDICE

2 Opinião
Universidades: encontrar o futuro olhando para fora

3 Voluntariado
Soluções que melhoram a vida das pessoas e formação para voluntários

4 Entrevista
Sofia Frère
Responsável pela Área do Santander Universities:
“Apoiar a educação é ajudar Portugal”



6 Investigação
Cientista da Universidade de Coimbra quer suavizar o inverno da vida

7 Prémio Ciência Viva
Alexandre Quintanilha, uma vida ao serviço da ciência e da academia

8 Empreendedorismo
Metade dos alunos do Politécnico de Setúbal estão expostos a atividades empreendedoras

EDITORIAL



FILIPE ALVES
Diretor do Jornal Económico

O papel do ensino superior no desenvolvimento

O ensino superior é crucial para o futuro do nosso país, mas de tantas vezes repetirmos esta constatação acabamos por nos esquecer do porquê da mesma. Acaba por se transformar numa frase feita, a par de muitas outras que se ouvem no dia a dia.

Importa, por isso, recordar as razões que fazem do ensino superior um pilar fundamental para o desenvolvimento humano, social e económico do nosso país. Serão várias, mas destacarei duas.

A primeira é o papel das universidades e dos institutos politécnicos como clusters de inovação. Em Portugal não faltam bons exemplos de instituições de ensino superior que estão a transformar as regiões onde se inserem. As Universidades do Minho e de Aveiro, por exemplo, deram origem a ecossistemas de inovação tecnológica e empreendedorismo que rivalizam com o que de melhor existe na Europa. Mas para que este efeito positivo se multiplique à escala nacional, será necessário que a academia evite o velho pecado da endogamia, bem como a tendência crescente para o policiamento do discurso e do pensamento. A Universidade deve continuar a ser um lugar de liberdade onde tudo se pode questionar e não uma espécie de Santo Ofício moderno, onde quem se desvia da norma é silenciado. Vivemos num mundo onde uma boa parte da juventude (e não só) demonstra uma incapacidade de tolerar visões contrárias à sua, o que não constitui um bom sinal para o futuro. A Universidade deve combater isso, pois sem debate de ideias e liberdade de pensamento não existe inovação. E sem esta última não haverá progresso social, tecnológico ou económico.

A segunda razão é o papel do ensino superior na mobilidade social. Um curso superior continua a ser a forma mais justa de ascender socialmente, consoante o mérito de cada um. Mas vivemos numa época em que existem mais licenciados do que vagas de emprego bem pago e com prestígio social. Este é um problema que atinge muitos países desenvolvidos e, para o resolver, há que mudar a forma como olhamos para os cursos superiores, sobretudo por parte dos empregadores. Com excepção daqueles cursos onde a licenciatura em determinada área é de facto necessária para o desempenho de uma profissão (por exemplo Medicina), os restantes devem ser encarados como parte da formação da pessoa e não como “a” formação, até porque hoje existem inúmeras oportunidades de aprendizagem ao longo da vida que podem complementar os conhecimentos adquiridos na universidade. Por que não ter licenciados em filosofia a trabalhar no sector financeiro, licenciados em engenharia em equipas de marketing ou licenciados em direito a escrever notícias num jornal, se demonstrarem talento e aptidão para isso? O caminho terá de ser este, não só por uma questão de justiça social (a alternativa seria, mais uma vez, a criação de círculos fechados, com os filhos das elites económicas e sociais e ficarem com os melhores empregos, colocando em causa a mobilidade social que é fundamental numa democracia), mas também por interesse próprio das organizações, que assim conseguem atrair os melhores talentos para as suas fileiras. Este Boletim, que hoje publicamos pela primeira vez, com o Santander como patrocinador exclusivo, nasce com o duplo propósito de contribuir para o debate sobre o futuro do ensino superior e de dar a conhecer o que de melhor se faz em Portugal. Todos os meses, na primeira sexta-feira, teremos notícias, entrevistas, reportagens e a melhor opinião sobre o ensino superior nacional. ■

IMPACTO SOCIAL

Soluções que melhoram a vida das pessoas e formação para voluntários

O Santander Universidades e a U.Porto anunciam, hoje, o lançamento da formação “Inspira-te”. Sessão assinala o Dia Internacional do Voluntariado, conta com a presença do ministro Manuel Heitor e vai ter projetos vencedores do UNI.COVID-19.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

A ideia surgiu da necessidade de Rogério Dionísio seguir os passos da mãe, uma anciã que vive numa zona rural do interior. O professor da Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Castelo Branco concebeu um dispositivo que, através de um sensor, deteta se a pessoa que o utiliza der uma queda. A informação é lançada em forma de alerta para um familiar ou alguém autorizado para o efeito.

É uma ideia que se transforma em produto. Um produto que poderá vir a ser útil a muita gente. “Só no distrito de Castelo Branco – revela Rogério Dionísio – existem cerca de duas mil pessoas nestas circunstâncias”. A aplicação poderá ser replicada noutras zonas do país.

Da ideia ao projeto foi um passo e deste ao seu reconhecimento, outro. O projeto “ZELAR@CB – Zelar pelos idosos isolados em espaços rurais”, assim se designa, candidatou-se e venceu uma das mãos do Prémio Santander UNI.COVID-19. A iniciativa lançada pelo Banco Santander, com o lema “Tira as tuas ideias de quarentena”, desenvolveu-se em três fases, mobilizou perto de 400 projetos e trouxe para conhecimento público não só ideias interessantes, mas também soluções com pernas para andar do ponto de vista da sua rentabilidade futura, como aquela, cujos primeiros testes foram realizados no laboratório do Politécnico de Castelo Branco. Na prática, o prémio do Santander está a funcio-

nar como ‘essas pernas’. Na ZELAR@CB, explica Rogério Dionísio, destinou-se a custear “o desenvolvimento e integração dos sistemas IoT e a realização de testes piloto com idosos residentes nas zonas rurais de baixa densidade populacional do distrito de Castelo Branco”. Na fase seguinte do projeto vai permitir a aquisição de equipamentos comerciais com mais robustez e capacidade.

**FORMAÇÃO
ARRANCA
EM MARÇO
E TEM
O PROPÓSITO
DE INSPIRAR
E APOIAR
PROJETOS
UNIVERSITÁRIOS
COM IMPACTO
SOCIAL,
ATRAVÉS
DA PARTILHA
DE CONCEITOS,
FERRAMENTAS,
CASOS PRÁTICOS
E EXPERIÊNCIAS
NO TERRENO**

O projeto ZELAR@CB mostra-se, uma vez mais ao país, esta sexta-feira, 4 de dezembro, no âmbito do Dia Internacional do Voluntariado, assinalado pelo Santander Universidades e pela Universidade do Porto com uma iniciativa conjunta, que, além de promover os projetos desenvolvidos por universitários neste ano de pandemia, também inclui o lançamento da iniciativa U.Porto Santander “Inspira-te”, a apresentar por Filipe Castro, da U.Porto Inovação. Trata-se de uma formação concebida para “inspirar e apoiar o desenvolvimento de projetos universitários com impacto social”, através da partilha de conceitos, ferramentas, casos práticos e experiências de projetos no terreno. Inclui módulos como inovação social, as necessidades no terreno e o papel das universidades, e como iniciar e gerir um projeto com impacto social. Arranca em março e podem candidatar-se professores universitários, técnicos de ação social e gestores de voluntariado e estudantes, residentes em Portugal ou no estrangeiro.

A sessão desta sexta-feira é online, devido à pandemia, e conta com a presença do ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, e os mais altos representantes do Banco Santander Portugal: Pedro Castro e Almeida, Inês Oom de Sousa e Sofia Menezes Frère, respetivamente presidente executivo e administradora e responsável do Santander Universidades. A U.Porto está representada por António Sousa Pereira, reitor, e José Castro Lopes, pró-reitor. Segue-se um debate sobre os principais desafios sentidos no



terreno pelos projetos universitários, moderado pela responsável de Mecenato do Santander Universidades Portugal, Cristina Dias Neves.

Das explicações aos sem-abrigo
Idosos, sem-abrigo, iletrados em finanças, jovens a precisar de ajuda para melhorarem o desempenho académico mobilizaram os estudantes do ensino superior, que a partir das suas instituições procuraram (e encontraram) soluções muito dispares. No Técnico, em Lisboa, nasceu “Com ânimo, sem pânico”. Alunos da maior escola de engenharia do país construíram e gerem uma plataforma que realizou o “*matching*” entre alunos de secundário que precisaram de ajuda durante a preparação para a primeira e segunda fases dos exames nacionais e universitários que se voluntariaram para os ajudar. Beneficiaram cerca de duas centenas de alunos e famílias.

Outra plataforma nasceu na Uni-

versidade do Minho, mas com objetivo diferente. Doação e distribuição de materiais de proteção em lares de idosos, centros de dia e bombeiros, entre outros. Até junho, foram entregues através dela cerca de 13.000 materiais a 48 instituições. Os relatórios da atividade podem ser consultados online, numa prova de total transparência. Depois de umas semanas mais calmas no verão, os jovens percepcionam novas necessidades. Juntaram-se, então, à associação “Virar a página” contribuindo no esforço atual de distribuição de 2.500 refeições por semana a sem-abrigo e famílias vulneráveis. A necessidade de ajudar a associação, sobrecarregada com pedidos, levou os promotores do projeto a envolver mais jovens em torno desta ação, rondando no total os 100 voluntários. Surgiu, assim, uma nova vertente do projeto inicial MinhoCovid19, que, segundo os jovens, está a “crescer bastante”.

O leitor que esta sexta-feira se jun-

te à sessão do Santander Universidades e U.Porto ficará também a conhecer o projeto que começou em março de forma virtual (via FB das Janelas Convida) e que com a candidatura ao UNI.COVID-19 passou ao terreno, com intervenção mais direta na comunidade. Estudantes na área de gerontologia visitam regularmente idosos aos quais ajudam com a medicação ou compras na zona de Viana.

Na cidade dos estudantes, a Associação Académica de Coimbra preocupou-se com os sem-abrigo, cujas condições de sobrevivência já de si difíceis foram agravadas pela pandemia. O projeto Street Store consistiu na recolha e doação de vestuário, bens alimentares, *kits* de proteção da Covid-19 com sensibilização para as medidas de proteção, rastreios de saúde e outros apoios. O envolvimento de duas dezenas de estudantes da UC foi literalmente uma mão amiga que se estendeu a uma centena de sem-abrigo. ■

OPINIÃO



ANTÓNIO DE SOUSA PEREIRA
Presidente do CRUP e Reitor da U.Porto

Universidades: encontrar o futuro olhando para fora

O mundo está a ser convulsionado por fatores tão disruptivos quanto a 4.ª revolução industrial, a transição digital, a descarbonização energética, a economia verde, a transformação laboral ou as tecnologias biomédicas. Esta dinâmica transformadora repercute-se nas universidades, que têm de absorver as mudanças sociais que daí advêm e, ao mesmo tempo, aproveitar as inúmeras oportunidades que se abrem nos domínios da ciência e tecnologia, inovação e desenvolvimento, cultura e pensamento.

Para que tal se verifique, as universidades portuguesas precisam de reforçar a sua posição num contexto académico e científico marcado por uma crescente competição global por conhecimento, talento e recursos. Ora, isto implica que as nossas instituições sejam capazes não só de atrair mais capital humano do exterior, mas também de integrarem as redes globais de conhecimento e serem mais intensivas na captação de financiamento internacional.

O futuro do ensino superior passa, pois, pela internacionalização das suas instituições, desde logo atraindo mais estudantes, docentes e investigadores de outros países. Importa captar estudantes internacionais que escolham as nossas universidades para completar os seus cursos de graduação e pós-graduação, e não apenas ao abrigo de programas de mobilidade. São estes estudantes que, com as suas propinas de valor diferenciado, geram receitas importantes para as instituições e podem significar um *brain gain* para o país. Da mesma forma que a contratação de docentes e investigadores no mercado internacional contribui para a qualidade e notoriedade das nossas universidades.

Mas, para atrair talento, há que maximizar as relações de cooperação com universidades, centros de investigação e institutos de interface espalhados pelo mundo. É fundamental que as nossas instituições participem em projetos e consórcios internacionais, ultrapassando a posição de relativa marginalidade em que Portugal se encontra nas redes globais de conhecimento. Estas redes dão às universidades oportunidades de mobilidade académica, de parcerias formativas e científicas, de partilha de recursos e de candidaturas conjuntas a financiamento.

Por fim, as universidades têm de ser mais expeditas e consequentes na captação de fundos em programas de financiamento internacionais. Para tanto, necessitam de se afirmar como instituições vocacionadas para a produção de conhecimento, e não apenas para a sua transmissão e difusão. Isto pressupõe o reforço e a sofisticação das respetivas atividades de I&DI, particularmente em articulação com tecido produtivo, social ou cultural. Desta forma, o investimento na ciência tem efeitos reprodutivos na sociedade, algo que é muito valorizado pelos financiadores internacionais. Em suma, para conquistarem o futuro, as universidades portuguesas devem olhar para fora e encontrarem, no competitivo contexto internacional, as oportunidades abertas pelas novas fontes de conhecimento. Se o fizerem, estarão não só a consolidar os três pilares da sua missão (criação de saber, transmissão do conhecimento e interação com a sociedade) como a promover um modelo de desenvolvimento mais inteligente, inclusivo e sustentável para Portugal. ■

ENTREVISTA SOFIA FRÈRE, Responsável pela Área do Santander Universidades

“Apoiar a educação é ajudar Portugal”

Mais bolsas de ação social, de mobilidade e de formação em competências transversais, aprofundamento do apoio ao voluntariado e regresso da European Innovation Academy são algumas novidades para 2021. No próximo ano, as instituições apoiadas vão poder contar com cerca de 5,5 milhões de euros do Santander.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Na reta final de 2020, Sofia Frère faz o balanço dos apoios concedidos pelo Santander Universidades num ano atípico e excecionalmente difícil para o ensino superior. O rosto do principal investidor privado do sector em Portugal avança as novidades para o próximo ano.

O que podem as Universidades e os politécnicos esperar do Santander Portugal no próximo ano?

A nossa ideia é manter as linhas de atuação atuais, que assentam nos três eixos que definimos como estratégicos: Educação, Empreendedorismo e Empregabilidade, que, em conjunto, representam já cerca de 75% das verbas que alocamos ao universo do ensino superior.

Qual o 'budget' para apoiar o ensino superior em 2021?

Será muito similar ao deste ano. O nosso plano para 2021 inclui uma verba na casa dos 5,5 milhões de anos.

Começando pelo primeiro eixo, a Educação, quais são os vossos objetivos?

Temos como objetivo promover o acesso e a permanência dos estudantes no ensino superior de forma inclusiva e, por isso, queremos aumentar o número de bolsas, particularmente as Bolsas Santander Futuro, que se destinam a estudantes universitários com recursos económicos limitados. Também temos intenção de reforçar as Bolsas Santander Global, que, no fundo, são complementares aos programas de mobilidade como o Erasmus, isto, naturalmente, se o contexto o permitir.

Pode estabelecer a fasquia do crescimento?

O número das Bolsas Santander Futuro poderá crescer para 1.400-1.500 no próximo ano. Este ano atribuímos à volta de 800 e em 2019 foram cerca de 200. Nas bolsas de mobilidade internacional, não sabemos ainda com quantas vamos fechar o ano, pois as convocatórias estão ainda em curso, mas é seguro que queremos aumentar.

Na vertente do segundo “E”, Empreendedorismo, o que se anuncia para o próximo ano?

O empreendedorismo universitário é cada vez mais importante e o Santander Universidades quer acompanhar as instituições do ensino superior nos seus planos para orientar e melhorar as capacidades criativas e empreendedoras das suas comunidades académicas. No próximo ano vamos fazer mais uma edição da European Innovation Academy, suspensa em 2020 devido à pandemia. Já temos confirmada a presença de 150 estudantes portugueses e cerca de 600 estrangeiros. Está pensado para meados do ano, durante o mês de Julho e é um evento que consideramos muito relevante pela sua qualidade e pelo *know-how* que trás para todo o ecossistema universitário.

A empregabilidade é ainda mais importante em período de crise económica, como este que atravessamos. Quais os vossos projetos nesta área?

No âmbito da Empregabilidade, o nosso objetivo é facilitar a integração na vida ativa, melhorando as competências dos alunos para potenciar o seu valor. As bolsas de melhoria de *skills* não se destinam apenas a universitários, são extensíveis a docentes, que eventualmente ve-

nham a precisar de reforçar competências. A aposta é naquilo que designamos por *upskilling*, no caso de uma melhoria de competências sociais, por exemplo, e *reskilling*, no caso da reformulação do conjunto de competências já adquiridas. Vamos também trabalhar em alguns projetos com empresas.

O facto de o Santander Universidades estar integrado numa unidade global internacional permite uma série de sinergias e vantagens que podem ser capitalizadas, quer pelas universidades e politécnicos, quer pelos próprios estudantes portugueses, que ficam com uma visão mais alargada e oportunidades mais amplas. A nossa verdadeira missão é contribuir para o desenvolvimento das pessoas e da sociedade em geral. Como diz a nossa presidente, Ana Botín, o desenvolvimento social e económico tem que andar a par. De facto, apoiar a educação é ajudar a sociedade e ajudar Portugal.

Pode exemplificar uma Bolsa de 'Skills'?

Sim. Neste momento, estamos a lançar Bolsas que visam melhorar *Skills* para quem queira melhorar o inglês técnico, com o intuito, por exemplo, de prosseguir uma carreira internacional. Há cerca de um mês lançamos uma bolsa para reforçar competências de liderança em mulheres jovens. A capacitação para ministrar aulas online através de ferramentas digitais é um exemplo de tema possível. Todas as oportunidades para bolsas são divulgadas nas nossas plataformas digitais, em: www.bolsas-santander.com e de empreendedorismo em www.santanderx.com

O que ganham as parcerias no eixo da Empregabilidade?
Estamos a trabalhar numa outra área muito interessante, que é a da proxi-

“
ESTAMOS A TRABALHAR NUMA OUTRA ÁREA MUITO INTERESSANTE, QUE É A DA PROXIMIDADE DO BANCO AOS UNIVERSITÁRIOS LOGO POR VIA DO SEU PERCURSO ACADÉMICO. UMA FORMA DIFERENTE DE ESTÁGIO

“
O apoio do Santander se traduz numa dotação por e dura, mas muitas inici

midade do banco aos universitários logo por via do seu percurso académico. Uma forma diferente de estágio. Ou seja, queremos impulsionar projetos com as instituições, que permitam ter, por um lado, proximidade aos jovens talentos e, pelo outro lado, abrir-lhes o acesso à vida de uma empresa, desenvolvendo projetos em conjunto com as nossas equipas.

Nos últimos anos, o Santander Universidades apostou no voluntariado universitário.



... não
... numa
... ura
... s em
... ciativas

Mantém-se a aposta?

De facto, nos últimos quatro anos lançámos o Prémio de Voluntariado Universitário Santander, uma experiência muito interessante que em 2020, fruto das circunstâncias, acabámos por transformar no Prémio Santander UNI.COVID-19, um concurso que teve grande aceitação por parte dos estudantes - registámos quase 350 candidaturas nas três fases do concurso. Com estes resultados, vamos agora fazer o balanço final e lançar uma formação de apoio à criação de projetos de voluntariado

e de impacto social. Vai ser lançado em conjunto com a Universidade do Porto e chamar-se U.Porto Santander Inspira-te, mas está aberto a toda a comunidade académica: estudantes, docente e não docentes.

Do que se trata efetivamente?

No fundo é um conjunto de workshops, uma formação de curta duração para quem quiser desenvolver projetos na área do voluntariado e de impacto social. O voluntariado universitário, para o qual os alunos revelam cada vez maior tendência e

apetência, é algo que queremos continuar a promover. O formato dos nossos apoios nesta área para o próximo ano ainda não está totalmente fechado.

Os prémios são outra componente dos apoios.

Sim. Promovemos o Prémio Científico Mário Quartín Graça 2020 para teses de doutoramento em temas com interesse mútuo para Portugal e América Latina, o Prémio Primus Inter Pares para finalistas das áreas de economia e gestão. Mas

temos muitos programas específicos em parceria com universidades e politécnicos, onde destaco o prestigiado Prémio Universidade de Coimbra.

As parcerias são uma vertente estruturante do Santander Universidades. Quantos parceiros têm, atualmente? Qual é a abrangência da rede?

Existem cerca de 50 convénios com instituições de ensino superior, universidades e politécnicos, um pouco por todo o país, do Litoral, Interior,

Madeira e Açores. A nossa abrangência é nacional. Os convénios oferecem inúmeras vantagens às Instituições de Ensino Superior, mas permita-me que destaque um, o *network* de que universidades e politécnicos portugueses podem beneficiar ao participar numa rede que envolve mais de 1.300 universidades parceiras do Grupo Santander em 33 países. Acresce que ciclicamente há reuniões de líderes de universidades e politécnicos, o maior fórum do género que permite a troca de experiências e, eventualmente, parcerias. O apoio do Santander não se traduz numa dotação pura e dura, mas também em muitas iniciativas que trazem muito valor para todos os envolvidos, Instituições e os seus próprios alunos.

Aumentar a rede é uma ambição?

É. Temos a consciência que a nossa oferta é de grande valor para as instituições e para os seus alunos. As universidades parceiras têm acesso direto a todos os nossos programas, alguns dos quais internacionais, corporativos, que divulgamos via universidades.

Diretamente, que relação tem o banco com os estudantes do ensino superior?

O Santander, enquanto banco e já numa vertente um pouco mais orientada por aspectos comerciais, tem uma oferta para universitários com condições especiais, como, por exemplo, isenção do pagamento de manutenção de conta, de cartão de débito e MB Way até aos 25 anos, possibilidade de acesso ao crédito de ensino, bem como todo um conjunto de inovações digitais especificamente em meios de pagamento e, claro, informação em primeira mão sobre todas as oportunidades que criamos e lançamos no âmbito do projeto do Santander Universidades

O ano termina daqui a três semanas. Pode fazer o balanço dos apoios concedidos?

Globalmente, contamos mais de 4.000 beneficiários diretos nos programas dos chamados “3 ES” - Educação, Empreendedorismo e Empregabilidade em 2020. O número aumenta significativamente se incluirmos todos os beneficiários indiretos no âmbito dos projetos de voluntariado, investigação e outros.

Até à data, quanto investiu o Santander Universidades no ensino superior em Portugal?

Iniciámos atividade em Portugal em 2003 e já vamos a caminho dos 60 milhões de euros de apoio ao ensino superior. Fomos evoluindo na forma, isto é no montante, e nos conteúdos e programas. Cada vez estamos mais “ricos” em termos dos próprios conteúdos e isso, para nós, é tão importante como o próprio dinheiro investido. ■

INVESTIGAÇÃO

Cientista da Universidade de Coimbra quer suavizar o inverno da vida

Bárbara Gomes tem cinco anos e 1,8 milhões de euros para captar a diversidade de trajetórias de fim de vida, de forma a possibilitar escolhas. O projeto terá início em janeiro e vai ser desenvolvido em quatro países com realidades contrastantes: Portugal, Holanda, Uganda e Estados Unidos.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

“EOLinPLACE – Choice of where we die” (escolher o lugar onde morremos), poderá mudar a forma como olhamos para o fim da vida. A morte é um tema de que raramente se fala nas sociedades ocidentais contemporâneas, mas a cientista da Universidade de Coimbra Bárbara Gomes trabalha há mais de década e meia para romper o tabu. Uma bolsa “Starting Grant” do European Research Council, no valor de 1,8 milhões de euros, permite-lhe agora concretizar aquilo que define como “uma ideia arriscada, mas maturada”.

O tema acaba de ser validado pelo Conselho Europeu de Investigação e tem, segundo a cientista, grande potencial para fazer a diferença para muita gente. “Na verdade todos nós, porque todos nós vamos morrer, mais de 60% por doença crónica”, justifica.

A partir do seu gabinete na Universidade de Coimbra, Bárbara Gomes explica-nos: “Este projeto de investigação ambiciona transformar a forma como classificamos e entendemos os locais onde as pessoas são

cuidadas no final da sua vida e onde acabam por morrer”. No concreto, a cientista vai refinar as classificações atuais, que são incompletas e inconsistentes entre países, como, por exemplo, o lugar da morte utilizado nas certidões de óbito.

“Vamos também deslocar o foco da nossa atenção do derradeiro local da morte para a trajetória individual de fim de vida que o antecede, o que acreditamos ajudará a perceber melhor o que leva as pessoas a morrer onde morrem”, fundamenta.

O projeto comporta a realização de estudos qualitativos e quantitativos em quatro países contrastantes: Portugal, Holanda, Uganda e Estados

**PROJETO
ARRANCA
EM JANEIRO
DE 2021
EM QUATRO
PAÍSES
E ENVOLVE
EQUIPA
INTERDISCIPLINAR**



Unidos. Para o realizar, a investigadora da Universidade de Coimbra vai constituir uma equipa interdisciplinar, com especialistas em medicina, enfermagem, estatística e psicométrica, sociologia, antropologia, economia e investigação em serviços de saúde, integrando investigadores experientes, doutorandos e assistentes de investigação dos quatro países. Aí trabalharão, lado a lado, com representantes de doentes e famílias, seguindo pessoas com doenças potencialmente fatais ao longo do tempo, com vista a criar “uma base científica sólida” para uma classificação internacional contemporânea e pioneira.

Qual é a meta? “Mapear os locais onde as pessoas preferem ser cuidadas e onde são realmente cuidadas – adianta Bárbara Gomes – assim, conseguiremos capturar a diversidade de trajetórias individuais de fim de vida e possibilitar escolhas”.

Com conhecimento novo sobre trajetórias individuais de fim de vida e uma classificação internacional que poderá ser utilizada para planear os cuidados e monitorizar resultados em saúde, a sociedade estará mais preparada para ajudar as pessoas a serem cuidadas e morrerem onde preferem. ■

ENSINO SUPERIOR

Reitores preocupados com sucesso académico dos alunos

O estudo “Resposta das lideranças à Covid-19”, realizado pelo Banco Santander em conjunto com a Associação Internacional de Presidentes Universitários, não deixa dúvidas: os reitores estão preocupados. Por várias razões. A maioria dos inquiridos (68%) coloca à cabeça o sucesso académico dos estudantes. Em segundo surge a sustentabilidade financeira das instituições, com 57% das respostas. Seguem-se a metodologia para manter os alunos

envolvidos, a inclusão, e a redução de matrículas de estudantes.

Num universo de 700 reitores de 90 países, entre os quais Portugal, cerca de três quartos antecipam quebras futuras nas receitas, 59% esperam reduções na inscrição de estudantes e 49% preveem novos desafios na angariação de fundos. Este padrão é visível em todas as regiões do mundo.

Para ultrapassar os constrangimentos atuais, 45% dos líderes da academia prevê a necessidade de au-

mentar o apoio financeiro a alunos e um maior investimento em infraestruturas relacionadas com a capacidade tecnológica das universidades. O desenvolvimento de programas de educação contínua, o apoio à empregabilidade dos estudantes e ao empreendedorismo são outros fatores apontados.

O inquérito do Santander abordou três questões concretas – Reações iniciais, focadas no primeiro semestre de 2020, Preparação para o ciclo 2020-

-2021, imediatamente após o início do período académico do Outono e Perspetiva para o futuro, com um âmbito de três anos a partir de agora. No que respeita à pandemia, apenas 37% instituições disseram estar preparadas para reagir à Covid-19, registando a Ásia e a Oceânia os números mais elevados e a América do Norte os mais baixos. A pandemia também está a afetar profundamente a colaboração das universidades com o setor empresarial, com 56% dos estabelecimentos

de ensino a anteciparem uma queda nessa cooperação.

E se o horizonte futuro é perspectivado com uma clara tendência para modelos de formação que combinam online, híbrido e presencial ou métodos alternativos, o presente quase se resume à necessidade de enfrentar o dia a dia, com quase metade dos inquiridos (47%) a dizer que estão mais focadas na resolução dos problemas atuais. Isto aplica-se a todas as regiões onde o inquérito foi realizado. ■ AR

FIGURA EM DESTAQUE



GRANDE PRÉMIO CIÊNCIA VIVA 2020

Alexandre Quintanilha, uma vida ao serviço da ciência e da academia

Aos 75 anos, Alexandre Quintanilha, investigador emérito do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde da Universidade do Porto (i3S) e professor jubilado do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS), é distinguido com o Grande Prémio Ciência Viva 2020. Nascido em Moçambique a 9 de agosto de 1945, na então Lourenço Marques, hoje Maputo, doutorou-se na Universidade sul-africana de Witwatersrand, em Joanesburgo. No início dos anos noventa chegou à cidade do Porto para viver e trabalhar e aí fundou o Instituto de Biologia

Molecular e Celular (IBMC) e presidiu à comissão de criação do maior consórcio de investigação nacional na área da saúde – o i3S – alinhando os esforços dos grandes laboratórios de saúde e investigação biomédica da Universidade do Porto. Em 2015, após uma carreira proeminente como docente e investigador, abraçou a política ativa, sendo atualmente deputado à Assembleia da República. O Prémio Ciência Viva Media foi atribuído à série de ficção “2’ Minutos para Mudar de Vida”, produzida pelo i3S e pelo Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da U.Porto.

EUREKATHON

Solução para melhorar eficácia do Banco Alimentar encontrada na FEUP e UMinho

Cooperar é um dos verbos preferidos de Catarina Rocha Leite, Bernardo Franco, Guilherme Pinheiro, João Azevedo, Luís Bulhosa e Pedro Machado. Esse gosto comum permitiu a estes seis alunos de duas Universidades diferentes – Minho e Faculdade de Engenharia da U.Porto – constituir-se em equipa, Hunger Byte, para em conjunto responder ao de-

safio “Como podemos expandir a base de doadores do Banco Alimentar Contra a Fome?” A solução encontrada valeu-lhes o triunfo na 2ª edição do Eurekaathon, organizado pela LTPLabs, Porto Business School e operadora NOS. “Desenvolvemos um modelo preditivo e prescritivo que permite identificar o perfil de possíveis doadores e as freguesias portuguesas onde existe uma

maior discrepância entre os possíveis doadores e o número de doações efetivamente feitas”, explicam. Os estudantes usaram dados fornecidos pelo Banco Alimentar e pela NOS, que tinham como base a Área Metropolitana de Lisboa e nela se focou a sua análise. Identificaram, por exemplo, que “as freguesias de São Domingos de Benfica, Benfica e Alcântara” têm “maior potencial para

virem a aumentar a quantidade de doações ao Banco Alimentar”. Os estudantes concluíram, assim, que se a instituição presidida por Isabel Jonet direcionar as campanhas de marketing para uma determinada geografia conseguirá obter resultados muito mais favoráveis. E também que com os dados adequados será possível explorar esta solução em todo o país. ■ AR

PESSOAS

Equipa do Técnico cria software para hospitais

Adoram ciência, tecnologia e um bom desafio, sobretudo se este lhes der a possibilidade de solucionarem um problema real. Imbuídas com esse espírito, Catarina Martins, Luísa Costa, Maria do Carmo Raimundo, Maria Jacinto e Teresa Marcelino, alunas do mestrado integrado de Engenharia Biomédica do Instituto Superior Técnico, alinharam na primeira edição do G-Battle e... venceram-na. O projeto que desenvolveram dá pelo nome de MedicMetrics e é um software que pretende ajudar os hospitais a melhorar o planeamento cirúrgico. Na competição de inovação destinada a estudantes do ensino superior, promovida pela tecnológica Glintt, participaram 24 grupos de diversas universidades e politécnicos de todo o país.

Doutorado com distinção na Nova IMS

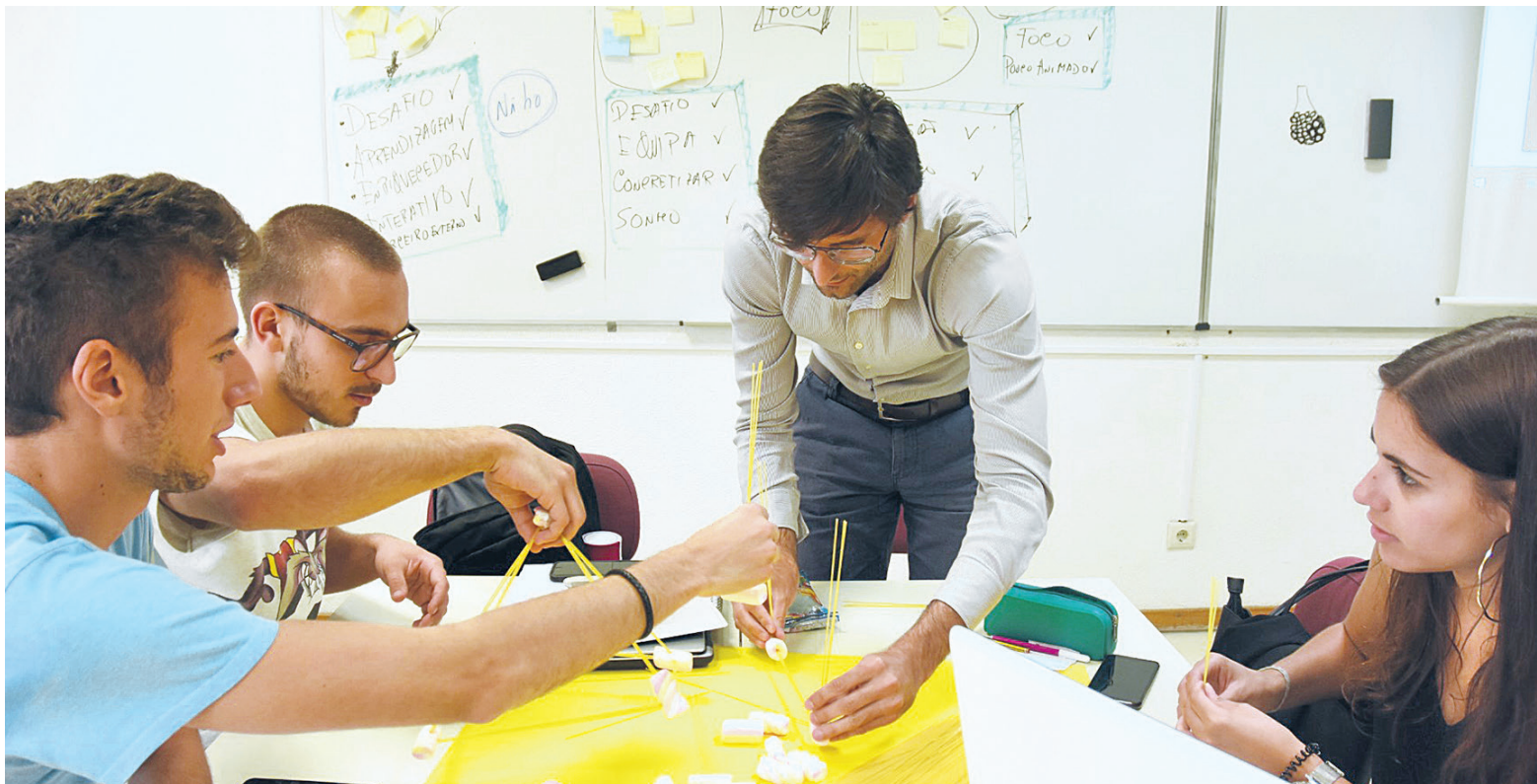
Jorge Carrola Rodrigues acaba de dar o passo mais importante da sua vida académica. Na Nova IMS – Information Management School, onde também ensina, defendeu, a 23 de novembro, a prova de Doutoramento em Gestão de Informação e foi aprovado por unanimidade com distinção e louvor. A tese foi desenvolvida na especialidade em Sistemas de Informação e Decisão e subordinada ao tema: “Software-as-a-service enterprise applications impact in firm performance.”

Do Politécnico de Castelo Branco para o mundo

Hélder M. Rodrigues levou o Instituto Politécnico de Castelo Branco à 7.ª Conferência Ibero-Americana Computação Aplicada 2020. Neste fórum, o diplomado em Engenharia Informática pela Escola Superior de Tecnologia do IPCastelo Branco deu a conhecer a uma vasta audiência o resultado do seu projeto de fim de curso: “Protótipo para Recolha de Informação de Apoio à Gestão de Resíduos”. A investigação, que foi orientada pelos docentes Vasco Soares e João Caldeira e desenvolvida para a empresa EVOX Technologies, é um contributo para a gestão inteligente de resíduos em tempo real, reduzindo os gastos logísticos e de implementação.

POLITÉCNICO DE SETÚBAL

Metade dos alunos do IPS estão expostos a atividades empreendedoras



Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

O Politécnico de Setúbal vai multiplicar por seis a área de incubação atual ao dispor dos alunos. “É crucial a existência de um espaço que garanta a interação e que permita que as empresas fiquem instaladas durante mais tempo nas suas fases iniciais”, explica-nos Pedro Dominginhos, presidente do IPS. A incubadora ficará instalada no campus da cidade sadina e visa, segundo nos adianta o professor, “a criação de uma base empresarial mais inovadora e tecnológica, possibilitando ainda a atração de novos investimentos e fomentando o ecossistema empresarial da região.”

O novo edifício é a resposta ao número crescente de candidaturas

nacionais e solicitações internacionais, fruto da certificação pelo programa StartUp Visa, coordenado pelo IAPMEI. Ocupará mais de 320 m² e inclui também o futuro Laboratório de Desporto e de Audiovisuais do IPS, pensado para acolher e desenvolver negócios inovadores na área das indústrias criativas. Trata-se de um investimento de 1,7 milhões, dos quais 40% financiados pelo Programa Operacional Lisboa 2020. Quando atingir a velocidade de cruzamento espera-se que venha a albergar 40 ou 50 empregos. O contrato será assinado ainda este ano e o curso público respeitante à obra será lançado no início de 2021 e deverá estar concluído em 2023, revela Pedro Dominginhos.

Além do novo espaço dedicado à incubação, o projeto de expansão da IPStartUp+, que é coordenada por

Sandra Pinto, mestre em Inovação e Empreendedorismo, compreende também a requalificação dos dois espaços de incubação existentes nas escolas superiores de Tecnologia de Setúbal e do Barreiro, para laboratórios de Biotecnologia e Indústria 4.0, o que permitirá alavancar novos projetos e ideias de negócio nestas áreas.

Pedro Dominginhos destaca o papel da incubadora no reforço dos três constituintes do triângulo: ensino, investigação e envolvente na área do empreendedorismo, um dos eixos centrais da estratégia da instituição a que preside. De uma forma ou de outra, cerca de metade dos seus 7.500 alunos atuais estão já expostos a atividades empreendedoras, dos quais cerca de três centenas mobilizados por duas iniciativas âncora: o concurso Poliemprende, iniciati-

va de que o Banco Santander é parceiro, e Mais Negócio Menos Desperdício dirigido a PME. “O empreendedorismo está fortemente enraizado, quer do ponto de vista do ensino e da investigação, quer da nossa relação com o exterior e está em crescimento”, afirma o presidente do Politécnico, lembrando que há, pelo menos, duas décadas que o IPS assumiu o compromisso de promover o empreendedorismo e que em meados dos anos noventa já ensinava nos cursos de Gestão uma disciplina chamada Criação de Empresas.

Implantado numa zona que cobre áreas industriais de relevo, como Setúbal, Barreiro e Sines, o politécnico aposta na formação da que é uma das áreas chave do futuro. E o seu presidente não esconde a ambição de multiplicar os 40 projetos que até à data incubaram na instituição. ■

BREVES

Responsabilidade cultural das IES em debate

Realiza-se esta sexta-feira a primeira edição do Encontro Nacional Universidade e Cultura, primeira de um ciclo de conferências organizado pela Universidade do Porto em parceria com o Plano Nacional das Artes. O objetivo é abrir o debate sobre a responsabilidade cultural das Instituições de Ensino Superior e participam os ministros da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, e da Cultura, Graça Fonseca.

Universidade dos Açores reforça cooperação

A Universidade dos Açores e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro assinaram um memorando de entendimento que visa promover as relações de cooperação internacional, desenvolvimento e amizade entre as duas instituições. O protocolo de cooperação visa “estimular e apoiar atividades e projetos académicos, profissionais e interculturais”, dirigidos a docentes, investigadores, estudantes e trabalhadores das duas instituições.

UC em consórcio europeu de testes de diagnóstico

Uma equipa da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e do Centro para a Inovação em Biotecnologia e Biomedicina, liderada por Lino Ferreira, integra um consórcio que quer desenvolver um novo teste de diagnóstico para identificar pacientes Covid-19 que correm o risco de desenvolver complicações cardiovasculares fatais. O projeto junta 15 parceiros das áreas da saúde, academia e indústria de 12 países europeus. Tem a duração de dois anos e conta com um financiamento de 3,9 milhões de euros da União Europeia.

18

A Universidade de Lisboa, em parceria com o Instituto Português do Sangue e Transplantação, realiza a 8ª edição da Campanha “18 Escolas, 18 Ajudas | Doar sangue, salva vidas. A colheita será feita dia 9 de dezembro no Técnico e no ISEG e dia 11 na Reitoria da UL e no Complexo desportivo da ajuda.

INOVAÇÃO

UBI cria jogo virtual para candidatos a cientista

Nasceu numa Universidade, mas foi concebido a pensar nos alunos do primeiro ciclo do ensino básico aos quais quer despertar para a área da ciência. Promete não ficar por aqui, uma vez que o projeto já está a ser trabalhado para

níveis mais avançados.

O jogo virtual Junior Lab Game - apresentado no âmbito da Semana da Ciência e Tecnologia no Centro de Investigação em Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior (UBI) - é uma ideia original do docente

Eduardo Cavaco, desenvolvida por Adriano Raposo, ambos da Faculdade de Ciências da Saúde desta Universidade.

Junior Lab Game oferece um primeiro contacto com um laboratório de investigação e alguns objetos que são

comuns neste tipo de espaço, como, por exemplo, a micropipeta ou o tubo de ensaio. O jogador, que veste a pele de candidato a cientista, é chamado a arrumar o material para uma futura experiência. Poderá fazê-lo tantas vezes quantas quiser. ■ AR